

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

JULHO DE 1959

N.º 7



BLUMENAU

EM CADERNOS

Tomo II

JULHO DE 1959

N.º 7

INTERESSANTE MEMÓRIA

Descendente dos fundadores da Penha do Itapocorói, Antônio Joaquim de Macedo, que faleceu nos começos deste século, foi um dos mais destacados cidadãos que ali viveram, tendo prestado assinalados serviços, não apenas ao distrito de seu nascimento, mas ao município de Itajaí. Deixou larga descendência, da qual vivem ainda seus bisnetos Aurélio Macedo, comerciante em Piçarras, Aldo Macedo, comerciante em Ibirama e dr. Arí Macedo, promotor público de Jaraguá do Sul. O primeiro desses senhores encontrou, entre os papéis de seu ancestral, um interessante documento em que Antônio Joaquim registra os principais lances da sua vida. Como seja um documento que registra fatos de interesse histórico, obtivemos a permissão de dar-lhe publicidade nestes "Cadernos". Respeitamos, na publicação, a redação do seu autor, modificando-lhe, apenas, a ortografia. Acrescentamos-lhe algumas notas à guisa de esclarecimento de certas passagens. Aproveitamos a oportunidade desta publicação, para fazermos um apêlo aos nossos leitores no sentido de que nos mandem, por empréstimo, todos os documentos antigos, de que possam dispôr e que tenham algum valor histórico. Na divulgação de tais documentos está, exatamente, uma das finalidades destes "Cadernos". Uma vez publicados, serão devolvidos aos respetivos remetentes. Antecipamos agradecimentos por essa valiosa colaboração.

"Memorial da vida e existência do cidadão Antônio Joaquim de Macedo, desde 1842, era de seu nascimento, até 1904, era de sua existência em que estas linhas escreve.

Desde 1842 até 1849 foi criado na meninice, sem nenhum interesse aproveitável. Em 1850, já bem sagaz e ótima robustez, foi levado à escola particular, por inda não haver pública (1). Em 51 passou-se para a escola pública, onde principiou a estudar; aí militou por espaço de três anos, que bem pouco aprendeu.

Em 54, saiu da escola, não porque muito soubesse, mas sim, por seus pais precisarem-n'o para a lavoura, pois que, sendo êstes, lavradores e possuírem escravos, e na qualidade de ser êste o filho mais velho passou a administrar os serviços e os escravos, onde militou por tempo de 9 anos.

Em 63, seguiu para Paranaguá e Antonina em companhia de Ciriaco Ferreira de Arante, procurando habilitar-se no comércio, porém não sendo satisfeito ali, voltou para a sua província de Santa Catarina (hoje Estado) à casa paterna.

Em 64, entrou para o comércio de sua conta; nessa mesma data seguiu para o Destêrro (hoje Florianópolis) a comprar gêneros do comércio, que de fato ali principiou sua carreira comercial.

Em 65, chegou da Bahia o cidadão José da Silva Lima, com negócio de comércio, a estabelecer-se neste distrito e como este cidadão encontrou-o no mesmo ramo de negócio, associaram-se ambos e continuaram.

Em 66, ambos os sócios contrataram-se em edificar uma casa para ambos estabelecerem-se com negócio, que, de fato, deram princípio e realizaram a dita obra em a mesma sociedade pelos anos de 66.

Em 67, transferiram todo o negócio para a nova casa, em sociedade, no lugar Rio da Parada.

Em 68, casou o sócio Macedo e continuaram com a mesma associação e ramo.

Em 69, abriram a sociedade, ficando o sócio Lima com todo o negócio, ativo e passivo da sociedade, e o sócio Macedo ficou embolsado do seu capital e lucros e com a casa da Parada, onde em antes tinham negócio, como até hoje existe.

Em 70, o ex-sócio Macedo, ficando sem negócio algum, seguiu para o Rio de Janeiro, no patacho "Curitiba", a fim de fazer sortimento de gêneros de comércio, que de fato fez e voltou a continuar no comércio, porém a 1.º de maio, estando ainda ali no Rio, em excursão da mesma viagem, teve por telegrama a notícia de sua esposa ter dado à luz uma criança do sexo masculino, como seu primeiro filho, que hoje tem o nome de "Felismino", que a 15 do mesmo mês de maio, quando chegara de sua excursão, é que pôde observar êsse acidente moral.

Em 72, nasceu segunda criança do sexo feminino, que tem o nome de "Belarmina".

Em 74, construiu um iate, de nome "Maria", na beira do rio Parada.

Em 76, comprou uma casa dentro da sede da freguesia da Penha, que até hoje existe em poder do mesmo.

Em 78, foi à romaria de Iguape cumprir a promessa feita pelo escravo de seu pai, de nome Ricardo, por mordedura de cobra. (2)

Em setembro de 80, houve um grande temporal de leste, que por pouco não submergiu a cidade de Itajaí, causando grandes perdas de vidas aos habitantes daqueles centros de rios.

Em 81, foi vendido o iate "Maria" e comprado outro de nome "Dois Irmãos", que mais tarde vendeu.

Em 82, faleceu seu sôgro Joaquim Caetano Vieira, com 80 anos de idade. Neste mesmo construiu uma casa, onde é hoje moradia de Felismino.

Em 83, nasceu o último filho de nome Malvino, além de mais três, que antes faleceram

Em 84, vendeu-se o iate "Dois Irmãos". Em 86, construiu um engenho de serrar madeiras, na Alagôas. (3)

Em 87, faleceu sua mãe, Maria Sant'Ana, sua sogra Maria Macedo e seu irmão Juquinha Macedo.

Em 88, a liberdade no Brasil.

Em 89, a proclamação da república brasileira que até hoje existe.

Em 90, consolidou-se a república em todo o Estado do Brasil.

Em 93, rebentou a revolução de 6 de setembro no Rio de Janeiro; em 8 do mês de dezembro, a mesma revolução tocou no Itajaí, da qual foi preso a 19 de dezembro, onde esteve detido 14 dias, nesse mesmo dia foi roubado todos os seus animais vacum, o cavalariço que existiam em 3 pastos, além de outros objetos que usurparam em valor aproximado de cinco contos de réis. (4)

Em 94, cessou a revolução pelos meios sagazes do Marechal de Ferro, Floriano Peixoto.

Em 95, foi tudo pôsto a seus eixos, porém sempre com pequenas etiquetas partidárias, quase por todos os Estados do Brasil.

Em 1900, realizou-se a derrota dos jagunços de Canudos, pela qual muito sofreu a nação brasileira.

Em 1901, tem havido grandes tumultos populares sôbre a questão de limites entre Santa Catarina e Paraná, da qual vai sair vitoriosa Santa Catarina.

Em 1901, faleceu Guilhermina Mafra de Macedo, esposa de Felismino Vieira de Macedo, deixando dois filhos na orfandade. Felismino casou a segunda vez em junho de 1902 com Maria da Silva Lima.

Em 1902, faleceu José da Silva Lima e José Joaquim de Macedo. (5)

Em 1902, construiu uma casa no Rio Iriri, que até hoje existe. Em 1902, aluguei a Franklin Máximo Pereira uma parte do armazem, no prazo de dois anos, que finalizarão em fevereiro de 1904.

Em 1902, fêz um engenho de farinha na beira do rio Piçarras, coberto de palha. Em 1903 mudou o engenho de cana de cima, para o lugar engenho velho, e o cobriu de telhas.

Em 1904, eu e Joaquim Tavares compramos a parte da olaria dos herdeiros de José de Lima e continuamos a reformá-la em obra para trabalhar em telhas.

Em 10 de julho de 1904, deu-se uma brulla (sic) entre Franklin Máximo Pereira e a família Ludgero, de que resultou o casamento daquêle com uma filha dêste, e ser desfeito o contrato, sob negócio, que havia entre Máximo e Macedo.

Em 6 de julho de 1904, foi julgado pelo Superior Tribunal Federal a questão de limites entre Santa Catarina e Paraná, de que foi vitoriosa Santa Catarina, apossando-se esta do território que o Paraná tinha e estava usurpando. Foi advogado de Santa Catarina o Dr. Manoel da Silva Mafra e o dr. Barradas o do Paraná.

No dia 12 de agosto de 1904, houve uma grandíssima cheia, "maré", causada pelo vento oeste e lua nova, que a costa da Praia Alegre e Parada foi contundida por cima dos barrancos, pastos e até dentro das casas mais próximas do rio, estragando pontes, trapiches e boeiros contíguos.

A 31 de dezembro de 1904, finalizou o contrato, que com Franklin Máximo tínhamos, sôbre arrendamento da parte da minha casa da Parada.

Em 11 de junho de 1905, o mesmo Felismino coroou e fêz a festa do Divino Espírito Santo, com muito brilhantismo. (6)

Em 20 de junho de 1905, vendi a Franklin Máximo o meu engenho de serrar madeiras e atafona com as terras do pasto do engenho.

Em 1905, fêz-se a grande ponte do rio da Parada.

Em setembro de 1905, fêz-se uma grande festa na Penha, pela visita de S. Excia. Dom Duarte Leopoldo, digno bispo deste Estado. (7) Abro um parêntesis para assuntos de eras remotas:

Em maio de 1878, fui nomeado agente do correio desta freguesia da Penha, cujo título ainda existe em meu poder; nesse cargo militei doze anos, incompletos; gratuitamente até 89, que pedi exoneração.

Em 1888, fui nomeado agente da Mesa de Rendas Federais de Itajaí. Só deixei êsse cargo em 99, por ter sido alfandegada essa repartição, que não admitia agências nos distritos vizinhos. Em 1872, entrei na política até 89, sempre à frente do Partido Conservador, e de 89 em diante, sempre à frente do Partido Republicano Catarinense até 1906, quando esta escrevo.

Em julho de 1907, sofreu uma grande moléstia D.^a Maria Macedo, de cuja esteve no leito 3 meses, da qual escapou e vive ainda hoje, 1908 e continua a viver até 1-1-910.

Em janeiro de 1906 fui nomeado agente do correio dêste distrito, com vencimento de trinta mil réis mensal. No mesmo ano deixei o cargo de Delegado Escolar dêste Distrito.”

(1) Já havia escola pública. Mas é possível, que, por qualquer circunstância, estivesse fechada. O nome de Antônio Joaquim de Macedo consta, realmente, entre os dos alunos que frequentavam, em 1853, a escola da Penha, regida pelo professor Zuzarte de Freitas. (Vide página 24, dêste 2.^o tomo.)

(2) Apesar de extranho, o fato era corriqueiro, na época, em que uns prometiam e outros cumpriam a promessa. Ainda mais tratando-se de escravo, que ninguém arriscava deixar fazer viagem tão longe, da qual, provavelmente, se “esqueceria” de voltar à casa do senhor.

(3) O lugar chama-se, ainda hoje, Lagoa. Fica nas proximidades das nascentes do rio da Lagoa, que desemboca no rio Piçarras, pouco acima da sua foz.

(4) Antônio Macedo foi, efetivamente prêso, em companhia do vigário, padre Vicente d'Argenzio e de outros correligionários, para Itajaí. Dizem que um oficial das tropas de maragatos, que era patricio e conhecido do padre Vicente, foi quem interferiu para que êste e Antônio Macedo fôssem soltos, escapando assim, do fuzilamento.

(5) Joaquim José de Macedo era o pai de Antônio. E parece que já nascido em Itapocorói, ou Penha, pois, em 1823 o avô de Antônio, Capitão Vicente Joaquim de Macedo, requereu e obteve uma sesmaria em Piçarras, de área triangular, com 1400 braças de um lado, 650 de outro e 675 do terceiro lado. Confrontava com terras do Revdo. Domingos Francisco Tavares Coutinho e com as do próprio Vicente. Assim, os Macedo são do grupo dos primeiros povoadores de Penha e Piçarras.

(6) A festa do Divino e de N.^a S.^a do Rosário ainda é celebrada, em Piçarras, no dia 26 de dezembro de cada ano, com as cerimônias tradicionais, congadas, danças típicas etc. Mas, quase que exclusivamente, é gente de côr que toma parte. As autoridades municipais não devem deixar morrer essa tradição, pois, é, ainda, uma das mais belas manifestações folclóricas da região.

(7) Dom Duarte Leopoldo e Silva era bispo de Curitiba, com jurisdição sôbre Santa Catarina e Paraná.



BRUNO HERING, natural da Saxônia e que, com seu irmão Hermann Hering, fundou a grande fábrica de tecidos, a atual “Companhia Hering”, um dos orgulhos da indústria têxtil do Brasil, chegou a Blumenau a 24 de julho de 1880, há 79 anos, portanto. Bruno Hering, que nascera a 3 de março de 1842, faleceu em 1918, em Blumenau.

ONTEM E HOJE

Quem vê, hoje, a Rua Nereu Ramos, em Blumenau, com os seus belos prédios, o seu movimento, mal poderá imaginar que esse logradouro público, antes de 1940, não era mais que um grotão, de uns sete metros de rampas, cobertas de capoeira e lixo, ao fundo do qual corria o ribeirão Bom Retiro, transportando os esgotos de fábricas e hospitais. Esta fotografia, da que é, hoje, a rua Nereu Ramos, foi apanhada em 1940, quando iam bem adiantados os serviços de canalização e atêrro.



Hoje, a rua Nereu Ramos é o que a fotografia ao lado mostra: uma via pública alegre, atraente, com belas construções e grande movimento, graças à canalização do Bom Retiro e atêrro de seu leito profundo. Note-se o prédio de telhado ponteagudo, ao fundo das duas fotos, e que já existia antes do atêrro, e pelo qual se pode observar a direção da rua em aprêço.



A FREGUESIA DE SÃO LUÍS DE GONZAGA (hoje Brusque) foi criada pela lei n.º 693, de 31 de julho de 1873, ficando, por êste ato, desmembrados do município de Itajaí, o antigo núcleo de Itajaí e a Colônia Príncipe Dom Pedro.



A 27 DE JULHO DE 1768, foi iniciada a construção da capela do Senhor dos Passos, junto à do Menino Deus, na vila do Destêrro.



EM 1863, por ato de 22 de julho, foi fixado o seguinte número de eleitores para várias freguesias: 8 para Pôrto Belo, 8 para Camboriú, 5 para Itajaí e 2 para Gaspar.

ESTANTE DOS «CADERNOS»

★ Revista “AABB”, Blumenau — Temos presente o número 4, referente a abril, do mensário, órgão da Associação Atlética Banco do Brasil, Revista AABB. — Contendo 24 páginas muito bem impressas, em excelente papel, êsse número traz interessantes notas sôbre a inauguração da sede social da AABB, no moderno prédio do Banco do Brasil, em Blumenau, além de colaborações literárias, poesias, curiosidades, notícias desportivas, distrações. Uma publicação que interessa e agrada, não apenas aos sócios da Associação Atlética que a edita, mas a quantos apreciam as manifestações das inteligências jovens que nela colaboram. Agradecemos a remessa.

★ A MARINHA IMPERIAL — Lucas A. Boiteux — Imprensa Naval.

Do nosso mestre e douto colaborador, almirante Lucas A. Boiteux, recebemos, com amável dedicatória, um exemplar de “A MARINHA IMPERIAL e OUTROS ENSAIOS”, mais um excelente trabalho dêsse incansável historiador conterrâneo. Nesse estudo, o autor trata, com a sua costumada maestria e num estilo de agradável leitura, de vários episódios em que a gloriosa marinha brasileira tomou parte, nas guerras da independência, da Cisplatina, do Paraguai. Numa brochura, de mais de 400 páginas, Lucas Boiteux não se limita às narrações, puras e simples, dos acontecimentos focalizados, mas fá-los acompanhar de criteriosos reparos, de minúcias que tornam os trinta capítulos, em que divide a obra, em verdadeiras e sábias lições de história da nossa pátria, nos começos da nacionalidade. Somos muito gratos, ao brilhante mestre e amigo, pela gentileza da oferta, e fazemos votos para que Deus continue dando-lhe saúde e disposição, para enriquecer, ainda mais, com novos trabalhos, a sua já volumosa e brilhante bagagem literária e histórica.

★ O VENDEDOR DE PINHÕES — Arnaldo Brandão — O nosso jovem

e talentoso conterrâneo, Arnaldo Brandão, ofertou-nos, com bondosa dedicatória, o seu recente livro de contos, “O Vendedor de Pinhões”, edição da Gráfica Laemmert, do Rio de Janeiro. Senhor de uma inteligência ágil e brilhante, de um estilo que se lê com prazer e crescente interêsse, Arnaldo Brandão tem dado à publicidade vários outros trabalhos, não apenas do gênero do que agora nos apresenta, mas também sôbre poesia, crônicas e teatro. O livro, com que fomos mimoseados, enfeixa vinte e sete contos muito interessantes, alguns dêles tendo por cenário a deslumbrante paisagem itajaíense, de que o autor se mostra um grande enamorado e que sabe descrever com raro bom gosto, sem arroubos exagerados, prejudiciais à beleza do enredo e à simplicidade, sempre aconselhável nesse gênero de literatura. São contos que, por isso mesmo agradam e que arrastam o leitor, de um para os outros, em ansiosa curiosidade, preso ao encantamento de uma narração sem pedantismos nem extravagâncias. Não cansam; antes, enlevam o espírito pela beleza da prosa e a delicadeza do enredo. Parabéns ao jovem catarinense e muito obrigado pelo presente que nos proporcionou.

FIGURAS DO PASSADO

Desde os primeiros tempos da colônia, Blumenau teve em seu meio escritores e poetas de elevada cultura, que em prosa e versos descreviam as belezas de nossa terra e a vida de seus habitantes. Do ról destes escritores e poetas queremos citar hoje, em comemoração ao primeiro centenário de seu nascimento, um nome que ainda deve estar na memória de muitos blumenauenses, notadamente dos que o tiveram como seu professor, ou, no forum a lhes servir de intérprete.

Trata-se de RUDOLF DAMM, nascido em Dresde, na Alemanha, no ano de 1858. Estudou filosofia em Munique, não chegando a se formar, em virtude de ter que interromper os estudos, tornando-se, então professor primário. No ano de 1888 emigrou para o Brasil, tendo lecionado em Joinville e Florianópolis, vindo depois fixar residência em Blumenau, onde faleceu em 18 de janeiro de 1915. Aqui foi, por longos anos, professor na então Escola Nova, tendo publicado também um livro para o ensino da língua portuguesa e destinado às escolas coloniais, cujos professores nem sempre eram bem firmes no manejo da língua vernácula, principalmente no que diz respeito à sua pronúncia, se bem que conhecessem as regras gramaticais e normas da ortografia da língua portuguesa.

Além de muitas histórias e novelas, escreveu Rudolf Damm grande número de poesias, exaltando as riquezas naturais e o esplendor deste País e o labor quotidiano de sua gente. Traduziu também com impecável perfeição obras literárias e poesias brasileiras, tornando-as assim mais conhecidas entre o elemento germânico da colônia. Das inúmeras traduções de Rudolf Damm, transcrevemos aqui a da bela "Canção do Exílio", da autoria de A. Gonçalves Dias:

"LIED AUS DER VERBANNUNG".

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gozeiam
Não gozeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrélas,
nossas várzeas têm mais flôres
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar sôzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar, sôzinho à noite,
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá;

Meiner Heimat Schmuck sind Palmen
Wo in Hain die Drossel singt;
Schöner singt, als alle Vögel,
Deren Stimme hier erklingt.

Heller funkeln unsre Sterne,
Biumiger ist unsre Flur;
Reicher unser Wald an Leben,
Und an Liebe die Natur.

Glücklich bin ich, wenn in stiller
Nacht mein Geist ins Weite dringt;
Meiner Heimat Schmuck sind Palmen,
Wo im Hain die Drossel singt.

Kann die Fremde mir ersetzen,
Was das Heimatland mir bringt?
Glücklich bin ich, wenn in stiller
Nacht mein Geist ins Weite dringt;

Meiner Heimat Schmuck sind Palmen,
Wo im Hain die Drossel singt
Lass, Herr, noch den Tag mich Schauen,
Der mich in die Heimat bringt,

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

In die Heimat, deren Zauber
In des Herzens Tiefe dringt!
Lass mich schaun das Land der Palmen,
Wo im Hain die Drossel singt.



INDÍGENAS DO ITAJAÍ

Já tratamos dêste tema no número 4, página 61, dêstes "Cadernos". Voltamos ao assunto, agora, para transcrever um interessante relatório do sr. Augusto Zittlow, prestimoso cidadão, de saudosa memória, a cuja dedicação e patriotismo Blumenau muito deve. Juntamente com o dr. Martin L. Bischof, então diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, o sr. Zittlow, que era inspetor de linhas do Telégrafo Nacional, visitou o aldeamento de índios do Rio Plate, no atual município de G. Richard. No relatório, que se segue, dirigido ao superintendente municipal, o sr. Zittlow e o seu companheiro de excursão dão conta do que viram naquele aldeamento.

"Anuindo ao convite do sr. Eduardo Hoerhann, que é, atualmente, o único funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, existente no vale do Itajaí do Norte, os signatários destas linhas, em companhia de mais algumas pessoas, seguiram para o pôsto do Rio Plate, confluyente do rio Itajaí do Norte, com o fim de esclarecer as muitas desconfianças e erros existentes a respeito dos silvícolas do município de Blumenau, apesar de terem conhecimento dos perigos e fadigas que teriam de enfrentar, aventurando-se a tal cometimento.

Como já dissemos, o fim da viagem era constatar, de visu, que não se trata de bandoleiros, ou índios coroados mansos, dos aldeamentos de Palmas, como muita gente pensa e aos quais se atribuem os assaltos e roubos feitos, por diversas vêzes, em Pouso Redondo etc., mas de verdadeiros incolos da selva, completamente bravios, para, expondo os resultados das observações, por nós feitas, solicitamos a atenção do poder competente para a catequese do gentio, que habita as florestas do nosso município, à qual, até bem pouco tempo, o govêrno ligou o máximo interesse, em benefício do índio e do colono e de que depende, em grande parte, a boa marcha da colonização neste Estado.

No dia 22 de maio (1915), véspera da festa do Espírito Santo, partimos, às 3 horas da madrugada, do hotel Berg, de Hammonia. Chovia torrencialmente e a noite caliginosa não era convidativa para a execução do nosso projeto. Alguns companheiros deixaram transparecer, no rosto, as mostras da pouca vontade e do receio que tinham de se porem a caminho, com tal tempo, não ocultando a má impressão, que lhes havia causado a declaração, que nos fizera o sr. Eduardo, de que, para não despertarmos a desconfiança dos silvícolas, era indispensável não levarmos armas conosco. Refletimos se nos seria conveniente enfrentarmos os selvagens assim. Como, porém, tínhamos grande empenho em vê-los, para realizarmos o nosso intuito, e não querendo voltar a Blumenau sem o ter pôsto em execução, puzemos o coração à larga e seguimos.

Quem sabe o que é viajar nos nossos caminhos coloniais, depois de alguns dias chuvosos, por noites escuras, é que pode imaginar pelo que passamos. Após cinco horas de viagem, chegamos ao povoado "Neu

Bremen”, donde, feita uma pequena demora, fomos, com mais duas horas de caminho, ao extremo da parte colonizada da Hansa, que fica a um quilômetro, mais ou menos, da foz do rio Laiss, no rio Itajaí do Norte. Para chegar na embocadura do mesmo rio, no Itajaí do Norte, abrimos um quilômetro de picada. Mal chegados aí, apresentaram-se os nossos canoeiros, que nos conduziram, em número de dezoito pessoas, e levando, numa canoa, um cevado de presente aos nossos hospedeiros de arco e flecha.

Alguns coroados mansos, tinham seguido pela picada Moema, levando um touro e uma vaca. Em viagem, quase perdemos o porco; se não fôra a perícia dos nossos canoeiros que, mesmo virando-se a canoa, salvaram, num salto, aquêles animal.

Em cinco horas de viagem, rio acima, passando saltos e corredeiras, chegamos à embocadura do Rio Plate, confluyente do lado esquerdo do Itajaí do Norte.

Sendo já tarde e começando a anoitecer, julgamos não entrar em contato com os índios nesse dia, quando, porém, havíamos transposto o último salto, e estávamos a 300 metros de distância da foz do Plate, onde se acha o pôsto, avistamos, repentinamente, muitas figuras trigueiras que faziam um alarido medonho. Expressando-se por sons inarticulados, mais parecidos com vozes de animais que as de criaturas humanas, faziam êles a saudação ao seu amigo “Katanghára”, como chamam êles o sr. Eduardo. Queriam, dêste modo, os selvagens, manifestar o regozijo pela sua chegada, bem sabendo pelo instinto e pela experiência, que êle lhes levava presentes.

Sob êste alarido, ao qual juntamos a nossa voz, a pedido do sr. Eduardo e com o grito: “Aji katjia kama”, o que quer dizer: “sou teu amigo”, aproximamo-nos do barranco e desembarcamos, sendo logo revistados pelos índios e despojados de tudo que levávamos nos bolsos, como canivetes, chaves, óculos, etc. Alguns índios apoderaram-se das canoas, em procura de algumas prêsas.

Ainda não tinham chegado as duas últimas canoas, (navegávamos à distância de 200 a 300 metros) quando já um dos nossos companheiros estava sem paletó, colete, colarinho e suspensórios. A firmeza e ousadia com que nos espoliaram as algibeiras, prejudicaram qualquer tentativa, de nossa parte, para salvar algum objeto dos que êles queriam. Conseguimos, porém, reaver alguma cousa que êles lançaram ao chão durante a matança do porco.

Tendo chegado, finalmente, a última canoa, e estando nós já refeitos das primeiras impressões e, quiçá, de alguns sustos e temores, presenciámos uma cousa horrenda, tal, que pela sua simples narração, se poderá imaginar com que espécie de gente lidávamos.

Foi o caso que, havendo entre os presentes que levamos alguns facões, um dos selvagens, para provar a sua utilidade, e ver se estavam bem afiados, cravou um dêles na barriga do porco, não se importando com os berros que a dor arrancava ao desventurado animal. Um dos nossos companheiros, como nós, compadecido do pobre bicho, arrançou-lhe a faca da barriga.

Tendo travado relações e tendo, cada um dêles, se dirigido a nós com a frase: “Aji tang harrikete”, que quer dizer: “como se chama?”, entramos no rancho do pôsto, feito pela comissão de pacificação dos

índios, onde também tinham chegado, pela picada da Moema, os co-roads mansos, com o touro e a vaca de que eram portadores.

Os silvícolas, que apareceram neste dia, eram, na maior parte, guerreiros novos e alguns impúberes. Os homens, de boa estatura e compleição robusta, andam completamente nus. Usam, unicamente, uma cordinha (mansema) feita de fibras de coqueiro, a qual trazem enrolada em volta das coxas, e que lhes serve, nas caçadas, e nas matas, para resguardar os órgãos sexuais.

A cabeleira, que lhes cobre as orelhas, é mal tratada, estando inchada de nojentos parasitas. Segundo afirmou-nos o sr. Eduardo, êles trincam tôda a espécie de sevandijas que apanham.

Voltemos, porém, ao sacrifício do porco. Sem ter dado ao animal o golpe mortal, começaram a cortar-lhe as pernas e orelhas, destripando-o, em seguida, sem a mínima emoção pelo sofrimento da vítima, sendo de admirar que não se cortassem, manejando tão bem os facões. Era repelente e miserável o estado do pobre bicho, ainda vivo e com pernas e orelhas cortadas e estripado. Enquanto isso se passava, começou a anoitecer. Pediram, então, os silvícolas, passagem para o lado direito do rio, alegando que queriam avisar os seus irmãos, que se achavam à certa distância, no interior do mato. Isso certamente era uma desculpa, pois o que êles queriam era repastar-se à vontade e sem testemunhas, no cevado que acabavam de sacrificar.

A circunstância de, no dia seguinte, se recusarem às nossas solicitações para cantarem e dançarem, alegando dores de cabeça, fêz-nos supôr que êles haviam comido mais do que os seus estômagos lhes permitiam.

O alarido que ouvimos no outro lado do rio, durante uma hora, parecia o latido de muitos cães enrouquecidos: "Juck, ku, bang, bu, lu, kang, kiú" etc.

Conforme o que nos disse o sr. Eduardo, o contexto dessas canções, referia-se a guerrilhas, caça, tiragem de abelheiras, etc. Há, entre êles, portanto, indícios de poesia e música.

Em consequência da viagem e da excitação, estávamos bastante fatigados, motivo porque, depois de termos feito ligeira refeição, estendemo-nos sôbre a palha de feijão, que encontramos no rancho, e dormimos bem, tanto quanto o ressonar de alguns companheiros o permitia.

Sabendo que os índios nos espiariam, deixamos dois dos nossos canoieiros de atalaia, revezando-se de duas em duas horas.

Ao amanhecer do dia seguinte, ouviu-se do outro lado do rio, os gritos dos silvícolas: "Kathingara!", sinal para que o sr. Eduardo os fôsse buscar.

Ao contrário do dia antecedente, os nossos agrestes amigos se apresentaram como guerreiros, porém com uma única exceção: sem arcos e flechas, tendo, todos, os rostos pintados de preto, côr esta que êles preparam com carvão de madeira e leite de figueira.

Ao envés, também, do dia anterior, em que se apresentaram só com uma cordinha na cintura, e nas coxas, nesta manhã traziam êles muitas "mansemas", com algumas das quais nos presentearam. Nêstes cordéis êles penduram seus berloques: cartuchos, argolas, medalhas etc. Um dos nossos companheiros presenteara o cacique com um relô-

gio e corrente. Era interessante vê-lo pendurado abaixo da cintura. Alguns dos índios trajavam fatos roubados em assaltos anteriores: um vestia um colete, outro um paletó, outro trazia um pedaço de riscadinho "schelas" à guisa de manto, semelhante a uma túnica romana, reconhecido como sendo o fôro da cama do colono Cristóvam Knecht, que fôra assaltado pelos índios, no ano passado, em Santa Maria. Se não nos achássemos no Rio Norte, diríamos que estávamos assistindo a um carnaval.

Do mesmo modo que no dia anterior, os índios cobiçaram nossos vestuários, vendo-se o sr. Eduardo em sérios embarços para que dêles não fôssemos despojados, o que êle conseguiu declarando-lhes que era a única roupa que possuíamos e que nossas espôsas ficariam tristes se voltássemos sem ela.

Alguns índios andavam com os cobertores, que nos haviam tirado na véspera, às costas, em forma de manto.

Como já dissemos, os compadres, (como os apelidavam os nossos canoeiros) só tinham um único arco e flecha, demonstrando, assim, que não tinham más intenções contra nós. No dia que passara, fôra o contrário. Estavam todos armados de cacetes.

Novamente começaram a perguntar-nos: "Aji tang harrikete?" (como te chamas) e se lhes respondíamos, diziam-nos os seus nomes. Alguns dos nossos nomes êles pronunciaram logo "Sitlu", "Bichu" etc.

Todos, exceto as crianças, usam botoques, os quais tinham ornamentos bonitos.

Êsses botoques podem ser, quando feitos de nó de pinho, fàcilmente tirados do seu lugar com a língua, servindo, então, o furo do beicho para assobiar. Nos rapazes êle é pôsto na idade de 3 anos, fazendo-se, nesta ocasião uma festa, igual ao nosso batizado. Debaixo de cantos e danças, fazem o neófito ingerir uma bebida feita de milho triturado e mel de abelhas bem fermentada, até que êle fique completamente embriagado. Neste estado aplicam-lhe o botoque, e o rapaz, quando acorda, fica considerado guerreiro.

De algumas cousas nossas, muito se admiraram êles, surpreendendo-se, sobremaneira, do abdomen de um dos nossos companheiros e que é de respeitáveis dimensões. Compraziam-se os selvagens em apalpá-lo, indagando da causa de ser assim tão volumoso.

As mulheres são bem feitas e nutridas e de bela aparência. Depois de termos travado conhecimento com todos, iniciaram êles a matança do gado que lhes levamos. Antes, declarara-nos o sr. Eduardo que êles costumam sacrificar as suas vítimas, flechando-as, demonstrando, nessa ocasião, uma ligeireza simiesca. Numa distância de dez metros, flecharam o touro certamente, penetrando a lança da flecha no coração do animal, que caiu, pesadamente, contorcendo-se de dor. Imediatamente doze índios lançaram-se sôbre êle, retalhando-o, como haviam feito com o cevado. Coube a vez à vaca. Como as feras que se regozijam com as dores de suas vítimas, brincando ao princípio com elas, e deleitando-se, depois, com a sua agonia, os selvagens alegravam-se com o sofrimento do animal, acutilando-o por todos os lados. Enquanto todos os olhares se fixavam na vaca, calculando a quantidade de carne que poderia dar, um índio aproximou-se dela e fincou-lhe a faca na barriga. Uma segunda facada, no coração, derrubou-a. Repe-

tindo-se então a cena, que presenciáramos, quando mataram o porco. Despedaçaram o animal semi-vivo. Começou o banquete. Para não se servirem do nosso fogo, êles tinham trazido tições acesos. Cumpre notar que êles nunca se utilizam do fogo dos civilizados.

As mulheres eram em número de oito, de 12 a 18 anos, tendo a cabeleira igual à dos homens e as feições simpáticas, não usando botoques no beijo. O seu talhe é menor que o dos homens, bem contornado. Uma só era de maior altura. Pela fisionomia, parecia ser irmã do cacique. Julgamos ser a primeira vez que elas entraram em relações com os civilizados a não ser com Eduardo e seus companheiros. A princípio estavam muito ariscas, escondendo-se atrás dos homens. Uma tremia muito; quando viram pôr os berloques e presentes que mostramos, ficaram mais afáveis, consentindo que colocássemos colares de contas no pescoço e anéis nos dedos. Uma até consentiu em pentear os cabelos, que não tinham tantas sevandijas, como os dos homens. Usam tangas, da cintura até aos joelhos, não fazendo caso quando a tanga se desprendia, com o que ficamos convencidos de que não têm noções do que seja pudor e de que a nudez é tão natural para elas, como é a dos recém-nascidos.

As casadas distinguem-se das solteiras pela falta de dois dentes caninos. Em geral, têm boa dentadura.

Uma delas carregava uma criança de 9 meses, presa por uma fita em redor da cabeça. A princípio a criança olhou-nos muito espantada, depois familiarizou-se conosco, estendendo as mãositas trigueiras, como para pedir tetéias. Vimo-la mamando ao peito, e a intervalos, em um pedaço de carne de porco, que a mãe colocara entre os seios. Os nomes delas são muito perceptíveis e sonoros: "Kondesima", "Laksi", "Kunglukinax", "Korokra", etc.

De tarde, as mulheres pediram a Eduardo passagem para o outro lado. Como levaram a carne em cestos, é de supôr que quizessem preparar os assados. Não sabendo lidar com canoas, foi preciso fazer-se três viagens para passá-las e à carne, cobertas, etc. Mais tarde, alguns dos nossos foram a um rancho dêles, onde nada de apreciável encontraram. O acampamento comum achava-se a alguns quilômetros de distância.

Observamos que homens e mulheres seguiam com os cestos na mesma direção.

Com a promessa de voltar breve e trazer bastante presentes e alguns "váu-váu" (cachorros), separamo-nos dêles, embarcando mesmo de noite.

Na viagem, refletindo com calma, conjeturamos sôbre o passado e o futuro dessa gente, que será, talvez, o resto de uma grande tribo. Mandará o govêrno extinguí-los, ou permitirá que o façam? Não, indubitavelmente. Isolá-los-á em territórios numerosos, deixando-os no estado em que se acham? Ou restabelecerá o serviço de catequese, mas sistemático, a fim de que êles venham a ocupar, no seio da sociedade, o lugar a que têm direito, tornando-se, nela, elementos de utilidade e de progresso? O problema é difícil, mas nada é impossível. Com perseverança e atividade conclui-se os mais difíceis tentames.

O sr. Eduardo conseguiu o máximo dos seus esforços pela coragem e abnegação que tem empregado, como tivemos ocasião de presenciar

nos dias em que estivemos entre os silvícolas. E de certo é êle o homem que poderia levar tudo a bom fim, se o govêrno, neste momento crítico, continuar a fornecer-lhe os meios de bem empregar a sua atividade em beneficio do aborigene.

Se, porém, cessar, de todo, o serviço de aliciação do índio, êste será, em consequência, o constante flagelo do laborioso colono, a quem fará todo o mal que puder, roubando-lhe os haveres, matando-lhe a criação, e, quiçá, assaltando-lhe o próprio lar, onde dará livre curso aos seus instintos de crueldade contra o civilizado. Quebraram o primeiro gramofone que viram e ouviram. São muito desconfiados, de modo que foi impossível fotografá-los; só contam até cinco. Daí por diante, contam por grupos, ou frações dêsse número.

Antes da viagem ao Plate, supúnhamos e estávamos plenamente convencidos de que os anteriores assaltos feitos em Pousô Redondo, Aterrado Torto etc. eram de índios mansos dos aldeamentos de Palmas, no Paraná. Era, entretanto, errônea. O batedor de índios, Martinho, que, aliás, não é desconhecido dêles, das incursões que fêz às nossas matas, nunca trouxe homens. Aprisionava, apenas, mulheres e crianças. Trouxe, é certo, uma vez, três rapagotes com botoques, mas, asseverava êle, eram roubados pelos coroados aos botocudos nas lutas em que aquêles saíam vencedores.

Por essa razão era corrente a versão de que os assaltos, nêste município, eram praticados pelos coroados.

Blumenau, junho de 1915.

Augusto Zittlow — Inspetor do Telégrafo Nacional.

M. L. Bischof, Chefe do tráfego da Estrada de Ferro S. Catarina.

★

O QÛE DIZEM DE NÓS

Do exmo. sr. dr. Francisco Marques dos Santos, ilustre diretor do Museu Imperial de Petrópolis, recebemos a seguinte, desvanecedora missiva: "Senhor. Temos a honra de acusar o recebimento do n.º 4, tomo II, do seu mensário dedicado à história e aos interesses do Vale do Itajaí. Leitor assíduo dos valiosos "Cadernos", creiam Vs. Ss. que os mesmos são lidos e apreciados em nossa biblioteca, onde formam importante fonte de informações sôbre essa região de nossa Pátria, valorizada pela colonização germânica.

Recordando, nas páginas dos "Cadernos", a grandeza da região do Itajaí, agradecemos a gentileza da remesa, apresentando a Vv. Ss. as nossas expressões de respeito e consideração."

Somos muito gratos ao douto patricio, que com eficiência, dirige a obra extraordinária que o Museu Imperial vem desenvolvendo, pelos elogiosos conceitos que nos atribui e que sobremodo nos honram e nos envaidecem.

★

FOI em 24 DE JULHO DE 1877 que Marcos Konder sênior, pai de Arno, Adolfo, Vitor e Marcos Konder, nomes que se distinguiram na vida política de S. Catarina, casou-se com Dona Adelaide Flores, filha de José Henriques Flores, grande latifundiário nas margens do Itajaí. Dona Adelaide morreu, nonagenária, no ano passado.

RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1858

(CONTINUAÇÃO)

Quanto aos trabalhos e obras públicas, anexas à colonização, terminou-se a casa de morada do pastor, que custou a alta soma de 2:650\$000; uma grande casa para abrigo dos imigrados, na barra ou pôrto do rio; uma dita na povoação da colônia, um rancho, dito, perto do Ribeirão da Itoupava e, em fim, construiu-se uma escada de 85 degraus com um plano inclinado, carro e guindaste, para carga e descarga de bagagem, etc. no baranco do rio, na povoação da colônia.

Gastaram-se, com êsses trabalhos, neste ano, Rs. 1:765\$850, e com diversos outros, de utilidade pública, para a colônia, Rs. 375\$000 etc.; despesas com caminhos, pontes na colônia, importaram em Rs. 666\$840, as ditas da estrada que segue da colônia para a Barra do Rio, em Rs. 947\$470; em tudo, pois, Rs. 1:614,310.

Esta quantia é inui diminuta e bem longe está de corresponder às necessidades da colônia, mas a mingua dos seus fundos e recursos e as mais despesas urgentes, não permitiram empregar-se maior soma nestes trabalhos. É um grave defeito que não deixa de prejudicar o progresso da colônia.

Seja-me lícito terminar o presente relatório com algumas observações sobre o futuro e necessidades desta colônia.

Deve-se considerar êsse futuro sob dois aspectos: primeiro em relação à expansão, por meio da imigração de fora e, segundo, contemplando o seu desenvolvimento interior.

É princípio reconhecido que, somente andando e progredindo ambas essas condições de mãos dadas e, podendo progredir, conjuntamente, haverá pleno sucesso e que, só assim, se há de alcançar o alvo, para que a colônia foi criada, torná-la um fóco ou centro de atração de uma corrente, mais ou menos forte, de imigrados espontâneos e conservar-lhe a força atrativa por longos períodos. Todo afastamento, mais ou menos im-

portante, dêste princípio, é prejudicial e trouxe, em outros países, como já trouxe e ainda trará ao Brasil, as suas más consequências.

Se, de um lado, a imigração prevalecer, ou fôr rapidamente promovida, à força de grandes fundos, adiantamentos e subsídios, e a expansão da respectiva colônia não fôr acompanhada de um desenvolvimento interior correspondente, sobretudo na lavoura, em que uma colônia se deve basear, dos ramos de indústrias imediatamente produtivas, subsiste o contínuo perigo de catástrofes que ocasionarão a cessação do afluxo de forças exteriores. O fundamento de uma colônia em tais condições, fica como que suspenso no ar; todo capital que afluir, torna de imediato a sair e só as vendas e tavernas e os empregados prosperarão, sustentando-se o resto com os recursos de um dia para o outro. Acabando-se, ou interrompendo-se o afluxo de capitais de fora, vem a debacle, ou, pelo menos, súbito desfalecimento, causando a ruína e dispersão de muitos colonos, provocação, igualmente, repercussão desfavorável em tôda parte e, sobretudo, na terra natal dos colonos. E o epílogo será sombrio, com a completa falência do empreendimento.

A empresa, além da perda de imenso capital e trabalhos infrutíferos, desacredita o país e a sua colonização e atemoriza e desvia os emigrantes em vez de atraí-los, não cumpre a sua missão e não se torna um centro atrativo da imigração espontânea.

Se, de outro lado, uma colônia menos dotada de fundos e que não está no caso de fomentar rapidamente a imigração, por meio de grandes adiantamentos e subsídios, se expande a passos lentos, moderados, a lavoura nela prosperar na mesma progressão da imigração, ou excedê-la em adiantamento, o fundamento da colônia, evidentemente, é bem seguro e não tem perigo algum de catástrofe que a-

meace a sua existência e espalhe o terror entre os imigrados.

Mas nem por isso deixa de cumprir a sua missão e não se tornará em ponto de atração da emigração espontânea, se chegado ela a um certo, e até alto grau de prosperidade interior, logo lhe faltarem os fundos necessários, ou ela não fôr socorrida, para fazer face às despesas indispensáveis, para caminhos, pontes, casas de escola, igrejas, etc., que todos são institutos, aos quais os colonos na sua antiga pátria foram acostumados, e que, com razão, esperam achar, também, no seu novo país; para fomentar a imigração e o estabelecimento de novos colonos, mediante adiantamentos e subsídios, e, em fim, para efetuar preparativos necessários, como exploração e medição de terras, fatura de novos ranchos de abrigo, à proporção que a distribuição de terras se alargava para o sertão, etc.

Em tal caso, não haverá uma estrondosa bancarrota e ruína geral, como na primeira hipótese, mas a colônia ficará estagnando por muitos anos e não exercerá sobre a emigração senão uma atração diminutíssima.

Esta força de atração, depende muito, é verdade, do florescimento interior e boa reputação, de que uma colônia goze, mas, também, e em alto grau, do número de seus habitantes, e quanto mais considerável este fôr, em tanto maior progressão também aquêlê crescerá.

Um núcleo pequeno, pois, embora goze no momento dado, da maior prosperidade, e traga no seu seio todos os germens de um futuro brilhante, não pode, nas atuais condições da colonização no Brasil, corresponder às vistas e realizar as esperanças do governo imperial, nem de qualquer dos mais interessados se, apenas saído da infância, logo ficar restricto às suas próprias e débeis forças.

Cumpra, pois, se não houver meios para o seu auxílio, abandoná-lo à sua sorte, o que não deixa de vir acompanhado de gravíssimos inconvenientes, tornando vãos e infrutíferos, imensos trabalhos e sacrifícios já feitos, ou acudir-lhe com proporcionados socorros, a fim de que possa adquirir aquêlê

grau de desenvolvimento expansivo e o número de habitantes necessário para atrair uma forte corrente de emigrados espontâneos. E este número, segundo tôdas as experiências, feitas aqui mesmo no Brasil como em outros países também, não pode ser menor de três a cinco mil almas.

Aplicando o exposto e seus correlários a esta colônia, parece inteiramente demonstrado, pelos dados estatísticos, acima exarados, e o estado da colônia, que o seu fundamento é sólido e o seu desenvolvimento interno, em todos os respeitos, o mais próspero já na época atual e promete, também, para o futuro, os mais satisfatórios resultados.

Há um critério muito seguro para avaliar a prosperidade e a feliz situação de uma população, uma escala, que todos os economistas reconhecem como infalível, para medir e conferir aquela situação: é o preço médio e geral dos salários, ou do ganho diário do trabalhador, combinado com o dito do seu sustento.

Onde o salário fôr mais alto, tendo o sustento o preço igual, ou menor, do que tem numa outra localidade, que se quer comparar, o trabalho rende mais e a população tira maior proveito dêle, vivendo em maior abundância, os imigrados preferem sempre tal localidade, se as outras circunstâncias forem iguais, fornecendo os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália, de um, a Argélia, a Hungria e a Valáquia e outros países, de outro lado o mais evidente argumento a tal respeito.

Ora, nesta colônia, os salários dos trabalhadores se conservaram sempre, até 1856 e 1857 — em que, em consequência da imigração bastante considerável, havia abundância de trabalhadores — numa altura que foi $1/3$, $1/2$ e até $1/1$ maior do que em muitas outras partes, desta e de outras províncias, entretanto que o preço dos mantimentos, pouco ou nada oscilou.

Sempre que eu quiz baixar os salários, não havia trabalhadores, preferindo os colonos trabalhar nas suas próprias terras.

A boa reputação da colônia na Alemanha se conservou, não só in-

tacta, mas ainda aumentou, de maneira que mereceu um relatório favorável, impresso e distribuído na Alemanha e numerosos amigos se movimentaram, ali, em meu e em favor da minha empresa.

Estas circunstâncias e bons officios, contribuíram essencialmente, para tornar a proporção dos colonos, espontaneamente imigrados, que integralmente pagaram a sua passagem e a daquêles que receberam pequenos subsídios e ajuda de custo, tão favorável como efetivamente foi 7/8 contra 1/8.

Mas, nem por isso a imigração aumentou. Antes, diminuiu em relação aos anos anteriores, e não há probabilidade alguma de que, sob as atuais condições, este estado de coisas venha a melhorar.

As razões d'este fenómeno e do vagaroso aumento expansivo da colônia são muitas e, conquanto já as tenha exposto em diversos relatórios, vejo-me na necessidade de repeti-las e fazê-las acompanhar de algumas observações.

1.º — A colônia é ainda muito nova e a sua população ainda não chegou a um número bastante grande para exercer, sobre a emigração da Alemanha, atração tal que, por si só, baste para orientá-la à colônia e entreter uma corrente regular e satisfatória de emigrados.

2.º — Os meus fundos foram minutísimos e estão, atualmente, esgotados; o rendimento da venda das terras, o único que tenho por ora, apenas basta para manter a administração e os meus adiantamentos, feitos aos colonos, são reembolsados tão morosamente e minguados por tantas perdas, que, tudo reunido, não chega para fazer face às despesas correntes e, ainda menos, para ampliar as operações e aumentar a imigração.

3.º — Os atuais prêmios e subsídios, que o governo imperial me concedeu, em virtude do meu contrato, são inteiramente insuficientes para, na época actual e, mudadas tôdas as circunstâncias, indenizarem os sacrificios feitos e ainda a fazer e permitirem a expansão conveniente da imigração e oferecerem probabilidades de, satisfatoriamente, sair dos empenhos e obrigações contraídas.

4.º — A emigração da Alemanha, e sobretudo, a tendência de dirigir-se ao Brasil, muito diminuíram.

Havia forte concorrência, por parte do governo inglês, a favor das suas colônias na Austrália e do Cabo da Boa Esperança e também da Áustria, em favor da Hungria e essa concorrência, sobretudo quanto ao último Estado, tende a crescer. As diversas empresas, daqui mesmo, do Brasil, dificultaram o negócio, pois, as mais poderosas em fundos, angariavam colonos a qualquer preço e, as menos dotadas, não podiam acompanhar as outras em negócios, manifestadamente tão ruinosos, e hão de ficar, por isso, abafadas e arruinadas. Se isso continuar, muitos agentes daquelas empresas, procederão, no engajamento de emigrantes, de maneira tão imprudente e inqualificável, que muito estragarão a reputação da colonização, apenas um tanto corroída na Europa, e hão de arruiná-la completamente, e sem remédio, por muitos anos, se os poderes do Estado não puzerem, com energia, e prontidão, cõbro a tais escândalos. Em consequência dêles, diversos Estados da Alemanha, lançaram mão de medidas, rigorosamente coercitivas, contra a emigração para o Brasil, sendo apresentado à própria dieta germânica, como à dita suíça, propostas para restringir e acabar a emigração transatlântica, no território da confederação inteira.

Não se podendo separar os três primeiros pontos, que intimamente são ligados um ao outro, vou considerá-los conjuntamente.

Ainda que os colonos estabelecidos, desde alguns anos, principiassem e continuassem a encorajar os seus parentes e amigos na Alemanha a segui-los e até mandassem-lhes, por meu intermédio, algum dinheiro para facilitar a transferência; ainda que, em consequência disso, e de outras recomendações, a proporção dos emigrados espontâneos, tais como considero todos que não receberam subsídios, ou abatimento algum, no preço geral da passagem, contra os subsidiados, seja a mais favorável possível, tudo isto já não basta, na época actual, para, com regularidade e sem arriscar perdas exorbitantes, se poder anunciar e fretar navios, com a indispensável regularidade, seja de mês em mês, ou de dois em dois meses.

(Continua)

Christiana Deeke BARRETO

MARÇO DE 1959

1 — Realiza-se o sepultamento do sr. Bernardino Antônio de Souza, mais conhecido por "Bernardino Procópio", falecido no dia anterior, em sua residência de veraneio, na praia de Camboriú. O jornal "A NAÇÃO", dias após, no necrológio do extinto, diz: "Com o desaparecimento de Bernardino Antônio de Souza, Blumenau perdeu um dos seus varões mais destacados na vida social e econômica".

1 — Excesso de velocidade e imprudência de um jovem motociclista ocasionam um trágico desastre, na rua São Paulo, onde Protásio dos Santos, em excesso de velocidade, chocou-se contra uma limusine, em uma curva em aclave, encontrando morte instantânea, por horrível esfacelamento do crânio, enquanto a noiva, que viajava à garupa, é atirada do veículo sinistrado, recebendo, também, graves ferimentos.

3— Para dar esclarecimentos no caso das verbas para o muro de arrimo, na beira do Itajaí-Açú, no centro da nossa cidade, comparece, a convite, o engenheiro João Caropreso, à sessão da Câmara Municipal. O convite ao representante do Departamento de Portos, Rios e Canais em nossa cidade, foi feito, em consequência de uma "declaração" publicada, pelo mesmo, na imprensa local, demonstrando que a referida obra está a cargo do governo catarinense, não sendo, portanto, feito as roçadas à beira-rio como manobra para obter as verbas em aprêço. Provocando, esta declaração, suspeita de ter o governo do Estado negligenciado o caso, ou, ainda, disposto das verbas para outra finalidade, o governador esclareceu, através de uma nota à imprensa não estar de posse das dotações federais. Na sessão da Câmara Municipal ficou esclarecido que as verbas estão à disposição do Estado, obedecendo, en-

tretanto, a determinadas condições e que, não tendo sido aprovadas as plantas para o muro de arrimo, pelo titular do D.N.P.R.C., em Florianópolis, o governo do Estado não pôde iniciar a obra em pauta. O assunto, entretanto, continua em evidência, mesmo depois desses esclarecimentos, havendo controvérsias na interpretação do caso pela imprensa local.

5 — Convocada pelo prefeito Busch Júnior, reúne-se a Comissão Municipal de Preços, após vários anos de inatividade, para atender aos reclamos da população local e estudar a situação econômica e eventuais recursos contra abusos no calamitoso estado de carestia, que é flagelo nacional, para cuja solução a COMAP não dispõe de poderes e recursos.

6 — É lançada a candidatura do sr. Celso Ramos ao governo do Estado, para o pleito de 1960, pelo Partido Social Democrático. A reunião realiza-se no Hotel Rex, com a presença de políticos e parlamentares das fileiras do PSD. O manifesto, assinado na ocasião, pelos diretórios do partido, é publicado sob o título de "Declaração de Blumenau". Uma cadeia de emissoras de rádio, transmite o desenrolar da reunião para todo o Estado.

10 — Na sessão da Câmara de vereadores é aprovado um aumento nas tarifas da Cia. Telefônica Catarinense, embora fôsse criticada seriamente a maneira arbitrária daquela empresa, ao introduzir a alteração de preços, não prevista no contrato com a municipalidade, apresentando os vereadores, ainda, algumas propostas à Telefônica.

13 — Segundo notícia o jornal "A NAÇÃO" a ACIB decidiu dar apóio integral à idéia do engenheiro Leyen, obtando por um prédio novo para a Prefeitura que, pelo incêndio de 8 de novembro p.p., sofreu a destruição da nova ala.

15 — Aparece uma notícia no jornal "Cidade de Blumenau", segundo a qual o sr. Hercílio Deeke

seria candidato à sucessão municipal e teria, o secretário da Fazenda dos governos Lacerda e Hulse, declarado ao repórter que, se o seu nome fosse apontado pela convenção da UDN, disputaria o pleito de 1960.

19 — No jantar quinzenal da AIRVI, no "Ipiranga", Itoupava-Sêca, é entregue ao sr. Martinho Cardoso da Veiga um troféu, a que fez jús por ter sido apontado, por unanimidade, o vereador mais eficiente do exercício de 1958, na reunião anterior da mesma associação de jornalistas e radialistas.

21 — A filial local da "SAMARCO", concessionária da "Willys Overland do Brasil", de São Paulo, inaugura as novas instalações, passando a funcionar em amplo prédio, situado entre as ruas Quinze e Getúlio Vargas. Em regozijo ao acontecimento, a administração da firma oferece um coquetel com bufete americano às pessoas convidadas e jornalistas, presentes, próceres da "Willys Overland", diretores Waldemar Geoffroys e Renato Camirini, inspetores Pires e Bozzi, acompanhados dos diretores da SAMARCO, srs. Victor Deeke, Erick Kreuger e Josef Hinding.

25 — Falece o venerando frei Anselmo Boeckenholt, O.F.M. cujo sepultamento verifica-se no dia 26, com grande acompanhamento de

pessoas de Blumenau e de Gaspar, onde o extinto também era muito estimado.

28 — No Tabajara Tênis Clube é realizado o "Baile da Páscoa".

30 — Falece a sra. Ema Sievert, espôsa do sr. Augusto Sievert, tendo formado, os dois, o casal de imigrantes mais idosos da nossa região, contando a falecida 87 anos e o seu viúvo, 93. O sr. Sievert conheceu ainda, os vultos históricos, o dr. Blumenau e o dr. Fritz Mueller. Dna. Ema Sievert era progenitora do sr. Willy Sievert, negociante muito destacado da nossa praça.

— ★ —

No decorrer de março, iniciou-se a demolição do "Hotel Holetz", outrora o maior prédio de Blumenau. O fato constituiu assunto de uma crônica intitulada "Velha recordação do passado", de autoria do sr. Bernardo Rauth.

— ★ —

Nêste mesmo mês, foi autorizado pelo TRE, a renovação do alistamento eleitoral de Blumenau, destruído pelo incêndio de 8 de novembro, do ano passado, juntamente com o respectivo cartório, instalado na parte sinistrada do prédio da Prefeitura Municipal e Fórum da comarca.

"Blumenau em Cadernos"

MENSARIO DEDICADO À HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAI

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a
Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

Para assinaturas em Blumenau :

ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA — Rua Rep. Argentina, 73, Ponta Aguda.

FREDERICO KILIAN — Alamêda Rio Branco.

NOTÍCIAS
de
BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO
na Província de Santa Catarina
IMPÉRIO DO BRASIL

por
D. Arcângelo Ganarini



Trento

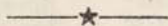
Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



(CONTINUAÇÃO)

REINO VEGETAL

A vegetação do Brasil é das mais admiráveis. A encosta do litoral, as planícies, as mais altas montanhas, os penhascos, e pode-se dizer, todos os lugares, são revestidos de matas sempre verdejantes e como em continua primavera. Sua flora é considerada, por todos os botânicos, que a tem estudado, como uma das mais esplêndidas do mundo, pela abundância e variedade das espécies, das quais são conhecidas cerca de 20.000. Muitas das quais se encontram descritas na obra do Dr. Martius (*Flora brasiliensis*), e outras se podem ver nos herbários existentes no Império e nas capitais da Europa. Não só pelo lado técnico tem merecido a atenção dos estudiosos, mas também a dos industriais pela sua riqueza de plantas tintóricas, medicinais, ornamentais e bromatológicas. Muitos dos nossos diletantes gastam dinheiro para empreender viagens bem custosas para sítios já visitados um milhar de vêzes, a fim de encontrarem qualquer espécime ainda não muito bem conhecido, quando muito mais satisfeitos ficariam com uma visita a uma qualquer das províncias do Brasil onde, a cada passo,

encontrariam naquela magnificência florestal, bastas vêzes colossal, que só conhecem pelos livros ou por algum herbário, com a certeza de encontrar, em novas espécies, não poucas variedades, não estando grande parte destas terras ainda explorada pelos olhares sa-gazes dos estudiosos. Não é raro encontrar-se, nestas selvas, árvores de alto porte, completamente cobertas de luxuriante florescência, ora amarela, ora vermelha, ora côr-de-rosa ou branca, como o lírio. Ao longo das estradas, de longe em longe, deparam-se ondas de suaves olores, provenientes de flôres de alguma humilde plantazinha, abrolhada entre a renascente floresta. As flôres da bananeira selvática e da bananeira "da flor" se fazem admirar pela sua grandeza e pela viveza de sua côr vermelho-escarlata. Existem fuchσίας com o tronco da grossura de um braço humano, que, trepando por algum velho tronco, pendem qual um salgueiro-chorão, e mostram sua cabeleira mosqueada de florezinhas de um roxo avermelhado. Muitas plantas parasitas, que crescem com abundância nas ramagens das árvores, dão flôres de colorido tão vivo, vermelho, azul, e algumas de perfume tão delicado,

que é uma delícia. Entre essas parasitas encontram-se muitas plantas gordas, notáveis pela forma singular de sua florescência e pelo fluxo das côres. A begônia é frequentíssima, ao longo dos riachos; a assim chamada "chuva-d'oiro" é encontrada em sítios ensolarados e secos. É esta uma planta erbácea, de pequena haste, ornada de tantas florezinhas de uma amarelo tão vivo, que, na verdade, faz lembrar uma chuva de estrelinhas de ouro. O Brasil também se mostra muito rico em madeiras de construção civil e marítima, como, por exemplo, o pau-ferro, várias espécies de jacarandás (*Machaerium*), várias de canela (*Nechtandra*), de cedro (*Cedrella*), ipê (*Tecoma*), araribá (*Pinckneya*), peroba, bicuíba e pinheiros. Entre as plantas têxteis, além do algodão e do linho, se encontram a piassaba, o côco da Índia, as folhas do ananás e do gravatá branco. Fala-se também da seda vegetal, que se retira do fruto da barriguda, comum na província do Paraná. Assim, também, não há falta de plantas oleosas, aromáticas, medicinais e tintóricas, que os brasileiros conhecem e lhes prestam serviço. Rica, também, é esta província de muitas espécies de frutas indígenas e exóticas. Das existentes eu as conheço poucas entre as muitas existentes, como, por exemplo, a goiaba, jaboticaba, pitanga, mamão, várias espécies de bananas, ananás, café, videira, laranja, limão de diversas qualidades, e figos. Em outras províncias, crescem os pinheiros que dão pinhões semelhantes a castanhas, que se podem comer cozidos, ou reduzidos à farinha, a noz de côco, a oliveira, a árvore da quina, do chá da Índia, do cravo, do tamarindo e outras muitas de maior ou menor importância. Entre as raízes alimentares e tubérculos são apresentados, em primeiro lugar, o aipim e a mandioca, a batata doce, os inhames, os mangaritos, a taioba, cará, além de várias espécies exóticas, como a batata comum, o nabo. Para uso médico se exportam do Brasil, além da salsaparilha, própria das províncias equatoriais, também a ipecacuanha, e outros vegetais empregados, com

bom êxito, pelos médicos d'aquém e d'além Atlântico. Quem desejasse, a propósito, colher mais detalhadas notícias, poderia consultar a obra do Dr. Martius: *Systema medicoe vegetalis brasiliensis*.

REINO MINERAL

O Brasil é rico em diamantes e em quartzos; há minerais de ouro, de prata, mercúrio, cobre, manganês, estanho, zinco, chumbo, antimônio, bismuto, arsênico e ferro. A província de Minas Gerais tem o nome tomado às muitas minas ali encontradas. Grande variedade de granito, comum a todos os lugares, onde se prestam para sólidas construções, enquanto os mármoreos do Rio Grande e de S. Paulo fornecem material para seu embelezamento. Ao combustível, que possui o país nas suas selvas, se devem reunir os grandes depósitos de turfa, de legnites e carvão fóssil, que se estendem por léguas e léguas. Esta província tem, então, seu depósito ao longo do rio Tubarão, que, descoberto há muito tempo, está ali esperando uma mão patriótica e industriosa, que o explore. Também, em Brusque, falava-se, ultimamente, de se haver descoberto uma mina de carvão fóssil, superior em qualidade ao de Tubarão. O fato é que se pediu, ao governo, o privilégio para explorá-lo e se pensa em construir uma estrada de ferro, puxada a cavalo, até o Itajaí, no caso que fosse concedido êsse privilégio. Veremos o que sairá daí. Não se sabe por que destino o Brasil, tão rico em combustível, vá comprar o carvão que consome aos ingleses, enquanto a poucos pés abaixo da terra, se encontra, espalhado em grande quantidade por todo o Império. Vai-se trombeteando, que os ingleses, desde que se descubra qualquer mina, e haja a esperança de bom êxito, a comprem, e, depois, fingem ou de havê-la perdido, ou não rende bastante, dela não se falando mais, e, no entanto, faz-se preciso continuar a recorrer à Inglaterra para o carvão. Grande é também o número de fontes minerais e termiais, às quais está reservado no futuro, grande uso terapêutico.

(Continua)

SUL FABRIL S/A

MALHARIA E CONFECÇÕES

Produtos de Maior Preferência no Gênero

“CAMISAS SUL FABRIL”

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

FÁBRICA E ESCRITÓRIO :

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : “SULFABRIL”

BLUMENAU — Santa Catarina

MALHARIA MAJU S/A

**ESPECIALIZADA EM LINGERIE FINA
PARA SENHORAS E CRIANÇAS**



B L U M E N A U

CAIXA POSTAL, 150 — TELEFONE, 1837

TELEGRAMAS : "MAJUSA"

HOTEL REX

BLUMENAU

Santa Catarina



**100 apartamentos dotados
de todo o conforto**